

APRENDE-SE A ESCREVER, ESCRREVENDO

João Wanderley Geraldi
(Iel-Unicamp)

Neste texto não pretendo ir além de apontar para dois tipos de atividades que, executadas em aulas de português, são consideradas como suporte para a melhoria da expressão escrita: o ensino da gramática e a leitura. Creio que não há entre professores de português dois equívocos tão difundidos quanto estes: o de que *o conhecimento gramatical é indispensável à "boa expressão"* e o de que *lendo se aprende a escrever*.

Em várias oportunidades apliquei um questionário em que solicitava a colegas professores que respondessem à questão "na vida prática, qual a utilidade dos conteúdos ensinados aos alunos?". Como em resposta a outra questão, anterior, haviam arrolado como conteúdos das aulas de português tópicos como "funções sintáticas", "classes de palavras", "encontros vocálicos", "leitura de textos" etc., com raríssimas exceções, a resposta a esta pergunta era de que tais conhecimentos "melhoram a capacidade de expressão oral e escrita dos alunos". Tais respostas supõem que "o indivíduo que conhece gramática tem melhores condições para controlar sua expressão".

Rodolfo Ilari (1978) resume com precisão os três objetivos que o ensino de gramática, assim concebido, deveria cumprir, sendo cada um deles condição para o seguinte:

- "1) a assimilação de uma nomenclatura gramatical,
- 2) a caracterização, mediante nomenclatura assimilada, do que sejam sentenças corretas,

3) a efetiva prática de um auto-controle, baseado nessa caracterização consciente da "correção".

Teríamos, então, o que o autor chama de "a boa expressão como sub-produto da gramaticalização", projeto de que, evidentemente, discorda, pois para ele "o objetivo específico da redação como exercício escolar não é a correção gramatical".

O simples fato de um aluno dominar uma metalinguagem que o capacita a descrever sentenças não é garantia de que seja capaz de produzir, num texto, sentenças adequadas ao processo de interação em que está engajado ao produzir um texto. Este é um dos mais arraigados equívocos que tem norteadado o ensino de português. É tão difícil superá-lo quanto superar outro equívoco, interno a este: o de que saber uma nomenclatura e com ela descrever sentenças dadas não é ainda uma prática de análise linguística, mas, tal como a gramática é ensinada na escola, apenas uma exemplificação de análises previamente existentes.

O segundo equívoco é o de que "*ler ensina a escrever*": aqui se atribui à leitura uma função distinta daquela euge ela relamente preenche. Este equívoco é responsável por 'outras regras' que funcionam na escola: só se deve ler "bons autores", "boa literatura" (e eu até a acrescentaria uma regra nunca explicitada: "só se deve ler autores de 100 anos atrás"). Escrever não é imitar o que os outros escreveram! No entanto, quanta coleção de 'frases bonitas' os alunos destes brasis têm anotado em seus 'florilégios'. Depois, não muito depois, os professores se vêem às voltas com "o astro rei raiou brilhante", "os pintos pipilavam alegres" e outras menos votadas e nem por isso menos freqüentes.

Não estou, aqui, querendo negar valor à leitura. Estou querendo negar-lhe esta função, embora tenha defendido e continue a defender que a leitura de um texto pode ser pretexto para a produção de novos textos. E é precisamente a produção de novos textos que ensina a escrever. É um corolário do princípio de que se aprende a fazer fazendo, o de que se aprende a escrever escrevendo.

À esta breve reflexão sobre estes dois equívocos, gostaria de juntar dois textos produzidos por alunos de 6ª série do 1º grau. São textos produzidos em abril de 1983

(transcrevo as versões originais), e ambos têm como temática o desemprego. Na época, a questão do desemprego chamou a atenção do país graças aos saques ocorridos em São Paulo, fatos amplamente noticiados pela imprensa. Os dois autores têm experiências escolares diferenciadas. O autor do primeiro texto, na série anterior, participava do projeto de ensino de português que se desenvolve em Aracaju; o autor do segundo texto, na série anterior, seguiu o ensino tradicional de português. Nenhum dos textos foi escolhido entre os 'melhores' ou 'piores' dos dois grupos de alunos. Vamos aos textos:

Texto 1

O DESEMPREGO NO BRASIL

O desemprego no Brasil está insuportável, em São Paulo houve uma revolta dos desempregados, quebraram vidros de ônibus, arrombaram as lojas, foi uma coisa horrível.

No Rio de Janeiro, foi a mesma coisa, a Polícia Militar e Civil tiveram que jogar bombas e outras coisas.

Aqui em Sergipe o desemprego também está crescendo, o Ministério do Trabalho não sabe mais o que fazer. O governador João Alves já foi à Brasília, expor o problema ao presidente da República.

Ele está muito preocupado porque em São Cristóvão já tem mais de 5 mil desempregados.

Em Minas Gerais mais de 10 mil homens foram despedidos.

Em Pernambuco tem uma cidade que não tem desempregados, é a cidade de Nossa Senhora do Capibaribi.

Mais não é só no Brasil que esta havendo esta crise, os Estados Unidos, a Inglaterra e outros países também estão em crise.

Texto 2

O DESEMPREGO

Em São Paulo, o desemprego e o fato que todas as jentes comentão.

O desemprego estar pasando do limites, muitas pessões, estão pasando fome. O povoado de São Paulo, e Rio, estão fazendo greve para o governador de São Paulo em Ser gipe. O desemprego já esta também como o mesmo problema do desemprego, em Sao Cristóvão, o povo, já está proveniciano ão governador, o governador, esta muito do preocupado, com isso mais até aqui ele aida não fez nada, que tem o seu próprio emprego, esta na boa.

Não pretende desenvolver qualquer análise mais profunda dos dois textos: sua transcrição tem o objetivo de permitir ao leitor uma comparação de resultados obtidos na estruturação textual, conseqüência de uma opção de ensino que, radicalizando posições, estabelece objetivos difenciados e, conseqüentemente, altera as atividades desenvolvidas em aula. E duas das mudanças de atitude dos professores são precisamente a de não crer que "a boa expressão seja produto da gramaticalização" e a outra é de que para aprender a escrever é preciso escrever. Como os dois autores leram o mesmo texto (um noticiário de jornal) e participaram do mesmo debate em sala de aula, não se pode atribuir a diferença no manuseio da modalidade escrita à leitura, e sim à prática, ao convívio com o ato de escrever.

É óbvio que ninguém escreve se não tem o que dizer, pois o uso da modalide escrita não foge à regra geral da interação verbal: o discurso é sempre o discurso de alguém sobre algo para alguém. Se o primeiro texto é melhor estruturado, é, por outro lado, excessivamente descritivo. Falta-lhe algo a mais para dizer sobre o desemprego, embora tenhamos que considerar, nesta crítica, quem fala: um aluno de 6ª série, de escola de periferia de Aracaju. O autor do segundo texto, revelando boa percepção de nossa sociedade: "quem tem o seu próprio emprego está na boa", frase que pode revelar uma crítica ao "salve-se quem puder" de nossas apatias sociais, não conseguiu estruturar seu texto para dizer sua palavra e, por não conseguir estruturá-lo, produziu um texto de difícil compreensão.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ILARI, R. "Uma nota sobre redação escolar". *Estudos Lingüísticos*, nº 2, GEL/FAFIL, p. 82-101, 1978.